

SEMPRE A PROPÓSITO DE AMERIGO VESPUCCI (*)

O senhor Virgílio Corrêa Filho zangou-se, evidentemente, com as críticas que fiz a um seu artigo de três anos atrás, e quis replicar na *Revista de História* (janeiro-março de 1953, pp. 193-195). Este fascículo da Revista paulista somente agora me chegou às mãos. Apresso-me a responder; nem se queira, pois, atribuir a descuido meu, se estas breves linhas aparecerem, eventualmente, com igual demora (1).

Minha nota continha pelo menos meia dúzia de observações específicas sobre o texto do senhor Corrêa: acêrca da data errônea do nascimento de Vespucci, sua pretensa "aprendizagem" em Pisa com seu tio Jorge, sua suposta profissão de mercador em Pisa, e depois em Paris, a afirmação de que partiu para a Espanha com o "presentimento da nova era" dos descobrimentos marítimos, a contestada viagem de 1503-1504 a serviço de Portugal, etc. . . . O senhor Corrêa não tenta sequer justificar suas afirmações relativas a estas minúcias, mas detém-se unicamente na conclusão do seu artigo, para dizer que não foi por mim contestada, e para atribuir-me a intenção de exaltar sobremaneira o meu compatriota. Quanto à data do nascimento de Vespucci, Corrêa nos diz que a tipografia cometeu um erro desculpável do manuscrito original, escrevendo "4" em vez de "4 ou 9", assim como imprimiu "E quantos contribuíram", em lugar de "De quantos contribuíram". Quanto ao ano de 1451, que deve ser corrigido para 1454, defende-se observando a mesma inadvertência de Marcondes de Souza, que decerto não podia estar "pouco informado" e de quem, aliás, disse que eu teria exaltado o saber.

Deixo ao leitor o julgar se com êstes sistemas se discute matéria científica.

De mim e por mim, limitar-me-ei a apresentar um simples dilema: ou o senhor Corrêa dispunha e dispõe de documentos com que sustentar as afirmações que contestei e mostrei serem errôneas,

(*) . — Texto italiano traduzido por Ilydio Burgos Lopes.

(1) . — Seja-me permitido salientar que entre nós, nestes casos, temos o costume de enviar logo, no manuscrito original ou em provas tipográficas, tais réplicas àquêles a quem são dirigidas, os quais podem assim expor ou esclarecer as suas próprias razões ao mesmo tempo em que aquelas réplicas vêm a lume.

Nota da Redação: Esta crítica deve caber à *Revista de História* que poderia ter enviado ao Prof. Virgílio Corrêa Filho as provas tipográficas (E. Simões de Paula)

e nesse caso deveria exhibi-los sem inúteis divagações (2); ou então êle se enganou como todos nos enganamos e podemos enganar-nos e seria mais simples que o reconhecesse, ao menos por um prudente silêncio. Fatos são fatos e permanecem fatos: Vespucci nasceu em 1454 e não em 1451: o tio Antônio Jorge não podia ter iniciado a "aprendizagem" do sobrinho Amêrico; êste de fato não foi mercador em Pisa, e muito menos em Paris, e nenhum documento nos informa de que êle fôsse à Espanha com a idéia de tomar parte nos empreendimentos marítimos; e assim por diante. mentos marítimos; e assim por diante.

De qualquer maneira, se é comodo ironizar sôbre a "erudição" de quem restabelece a verdade dos fatos (3), que devemos dizer daqueles que buscam desculpas ingênuas para que se lhes perdoem as inadvertências? Meu amigo Marcondes de Souza será o primeiro, penso, a sorrir pelo fato de ter sido tornado responsável por aquilo que o senhor Corrêa escreveu, tanto mais que êle mesmo não percebeu que a sua fonte lhe teria dado o meio para ser exato (4). Mas vamos condená-lo por tão pouco?

Quanto a Magnaghi e à sua "tese", sou grato ao senhor Corrêa por haver-me propiciado a ocasião de relembra-la aos estudiosos brasileiros, num periódico tão bem aparelhado e difundido como a *Revista de História*, dirigida pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula. Afirimo ao senhor Corrêa que em minhas palavras não há sombra de nacionalismo nem de idéias preconcebidas. No dia em que a "tese" de Magnaghi fôsse demolida, pedra por pedra, ou substituída por outra "tese" mais de acôrdo com os documentos ou comprovada por novos documentos, apressar-me-ia, como seria meu dever, a tomá-la em consideração como válida, pelo menos até que ela fôsse, por sua vez, demonstrada ser errada.

Pois bem, esta "tese" não pretende, certamente, ter atingido o fundo de todos os problemas vespuccianos, mas lhes propôs uma solução que, até agora, é a mais lógica e a mais sólida, pela quantidade de provas documentárias que a corroboram. Pode ser que daqui a algum tempo tal afirmação já não seja legítima, mas até que as provas — digo, as provas documentárias, sôbre as quais não se possa sofismar — apresentadas por Magnaghi, não tenham sido, uma por uma, refutadas e anuladas com outras provas concretas, reais,

- (2). — Ocorre dizer que o senhor Corrêa divaga, assegurandô-me que a publicação do seu "perfil" na "*Revista Brasileira de Geografia*" não tinha, de fato, em vista o suposto e errôneo próximo centenário vespucciano (1951), como eu havia suposto por via puramente hipotética. O argumento, na realidade, não tem, em nosso caso, importância alguma; todavia, devemos concluir que, não tendo sido determinada a publicação daquele "perfil" por uma comemoração histórica, nem por uma publicação especial, nem por um acontecimento especial, a "*Revista Brasileira de Geografia*" insere em suas páginas aquêles perfis ao acaso, e então por capricho. Será assim?
- (3). — Escreve o senhor Corrêa que "não se fazia mister tamanha erudição para metralhar simples páginas de louvor a Amêrico Vespúcio". Nem "louvor", nem "erudição"; mas a clara linguagem dos fatos, para por no devido lugar circunstâncias que o senhor Corrêa apresentou de maneira inexacta.
- (4). — De fato, no volume de Magnaghi, que Marcondes de Souza segue quase sempre, há uma nota (n.º 1, pg. 7 da segunda edição), que põe em guarda contra o erro comum que os historiadores têm cometido acêrca do ano do nascimento de Vespucci.

sua "tese" deve ser considerada a única admissível, embora, repito, possa, no futuro, revelar-se falsa. Pelo menos isto me parece um dos mais elementares cânones da crítica histórica. Todo o meu esforço, nas discussões sobre Vespucci, está dirigido para um único fim: trazer o debate ao terreno seguro e sólido dos fatos, partindo da avaliação dos valores documentários das fontes. Por esta razão, e somente por ela, julguei meu dever retomar a pena a propósito do artigo, certamente não muito brilhante, do senhor Corrêa. *A Revista Brasileira de Geografia* é um periódico científico. Deixe-se aos literatos, aos romancistas, aos artistas, o reclamar como quiserem as suas fantasias: os cientistas não podem, nem devem, ter em mira outra coisa senão a verdade, apurada com rigor de crítica e com pragmática objetividade.

Há, naturalmente, pequenas verdades, que não têm a pretensão de serem confrontadas com os grandes e solenes problemas da história. De tal gênero são as inexatidões em que caiu o senhor Corrêa. O mal foi pequeno. Quanto mais depressa êle se decidir a reconhecer-las como tais, tanto mais depressa imporá respeito à sua figura de estudioso.

GIUSEPPE CARACI
da Universidade de Roma